

CELSO AUGUSTO UEQUED PITOL

**O TEMA DA PEREGRINAÇÃO EM
'THE SEAFARER' E *'THE WANDERER'***

**PORTO ALEGRE
2013**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS MODERNAS
SETOR DE INGLÊS

**O TEMA DA PEREGRINAÇÃO EM
“THE SEAFARER” E “THE WANDERER”**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau de Licenciado em Letras

Autor: Celso Augusto Uequet Pitol
Orientadora: Sandra Sirangelo Maggio

Porto Alegre
Dezembro de 2013

FICHA CATALOGRÁFICA

PITOL, Celso Augusto Uequet
O TEMA DA PEREGRINAÇÃO EM “THE SEAFARER” E “THE WANDERER”
Celso Augusto Uequet Pitol
Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2013. 52 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura – Instituto de Letras)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1. Literatura Inglesa 2. Literatura Anglo-saxônica 3. Leitura 4“*The Seafarer*”
5.“*The Wanderer*”

*A meus pais, Linda e Celso, e meus irmãos,
Yasmine, Lúcia e Fábio, companheiros de jornada.*

*“Sabeis que é este mundo
estrada de Peregrinos, e não lugar, nem
habitação de moradores (...) Por isso,
enquanto andam os homens neste
mundo, lhes chamam caminhantes”*

Nuno Marques Pereira,
***Compêndio Narrativo do
Peregrino da América***

Agradeço a minha família, pelo apoio de sempre, e a minha orientadora, Sandra Maggio, modelo de mestre e ser humano, a quem serei sempre grato pela generosidade e pela paciência. E registro aqui a minha lembrança e homenagem à memória de Ana Maria Kessler Rocha, minha primeira orientadora e importante incentivadora no começo de minha pesquisa.

RESUMO

“The Seafarer” e *“The Wanderer”* são dois dos mais importantes textos produzidos durante o período anglo-saxônico da literatura inglesa (isto é, aquele compreendido entre os séculos V e XI d.C.). Escritos no extinto idioma anglo-saxão e distantes de nós no tempo e no espaço, são, mesmo assim, capazes de entreter e emocionar o leitor moderno. Essas obras, normalmente definidas como elegias, contam-nos das trajetórias de homens que, perdidos em alto mar, põem-se a meditar sobre a situação de suas existências sobre a terra. Nosso objetivo neste trabalho é pôr lado a lado estas duas obras e enfocá-las dentro do tema da peregrinação, central para a constituição de ambas. Para tanto, procuramos situá-las dentro da tradição em que foram produzidas, pondo-as em diálogo com esta mesma tradição, o contexto histórico e os poemas propriamente ditos, seguindo as lições de Claudio Guillen, Álvaro Manuel Machado e Daniel Henri Pageaux acerca do estudo temático.

Palavras-chave: 1. Literatura Inglesa 2. Literatura Anglo-saxônica 3. Leitura 4. *“The Seafarer”* 5. *“The Wanderer”*

ABSTRACT

"*The Seafarer*" and "*The Wanderer*" are two of the most important texts produced during the Anglo-Saxon period of English literature (between the 5th and 11th centuries AD). Written in the extinct Anglo-Saxon language and somewhat distant from us in time and space, these works are still able to reach and move the modern reader. The two poems, usually defined as Elegies, tell us of the trajectories of men at sea, who meditate on the situation of their existence inland. Our objective is to put these two poems side by side, considering them in the light of the theme of pilgrimage, which is central to the creation of both. To this end, we seek to situate them within the tradition in which they were produced, putting them in dialogue with this same tradition and their historical context. As we do that, we follow the lessons of Claudio Guillen, Álvaro Manuel Machado and Daniel Henri Pageaux about how to develop the study of a given theme.

Keywords: 1. English Literature 2. Anglo-Saxon Literature 3. Reading 4. "*The Seafarer*" 5. "*The Wanderer*"

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	9
1	CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA.....	12
1.1	O TEMA NA LITERATURA: PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	12
1.2	O TEMA DA PEREGRINAÇÃO NA LITERATURA OCIDENTAL: UM BREVE PERCURSO.....	14
1.3	O TEMA DA PEREGRINAÇÃO NA LITERATURA ANGLO-SAXÔNICA.....	17
2	A PEREGRINAÇÃO EM “THE SEAFARER”E“THE WANDERER”	23
2.1	HISTÓRICO E COMPOSIÇÃO DOS POEMAS.....	23
2.2	ANÁLISE DO POEMA “THE SEAFARER”	25
2.3	ANÁLISE DO POEMA “THE WANDERER”	35
	CONCLUSÃO.....	42
	REFERÊNCIAS.....	44
	APÊNDICE.....	46

INTRODUÇÃO

Ao explicar a gênese da filosofia ocidental na Grécia e a sua diferença radical para com as formas de saber anteriores a ela, o filósofo espanhol Xabier Zubiri apontou que

(...) a Sophia não é um saber que se possui, mas que ‘se procura’ por pura complacência: a própria Sophia é apenas “filo-sofia”. Uma forma de saber (...) em que o decisivo está justamente em ser procurado. Portanto, mais do que uma doutrina trata-se de uma atitude – uma nova atitude. (ZUBIRI, 2012, p. 54)

Desta forma, o grande pensador basco enfatiza o pôr-se a caminho, estar-se num devir – peregrinar – como atitude constitutiva da cultura ocidental. Na literatura não será diferente, e prova disto é que um dos textos fundadores do Ocidente, a Odisseia, trata precisamente desta atitude.

Partimos, então, deste substrato histórico para dar início, também nós, a uma caminhada, que será o estudo do tema da peregrinação em “*The Seafarer*” e “*The Wanderer*”.

Como todo caminho, o que escolhemos guarda suas dificuldades específicas. Afinal, a escolha recaiu sobre dois poemas do chamado período anglo-saxônico da literatura inglesa – isto é, aquele compreendido entre os séculos V e XI –, escritos em idioma morto há quase um milênio, proveniente de tradição literária significativamente diferente da nossa e sobre a qual muito pouco estudo há em nosso país. Some-se a tudo isto o fato de que, para um dos poemas trabalhados – “*The Wanderer*”, – não encontramos tradução em nosso idioma, o que nos ofereceu a oportunidade de produzir uma própria e nos levou para outro campo de trabalho. O resultado desta experiência é apresentado no Apêndice, ao final da presente monografia.

Importa salientar que este trabalho não começou a ser feito nesse último semestre. Ele é produto de um interesse que se vem desenvolvendo desde nossas participações – cinco, ao todo – em salões de iniciação científica, sob orientação da professora Ana Maria Kessler Rocha e da professora Sandra Maggio, versando sobre temas ligados ao universo anglo-saxônico. Ganhou corpo, com o passar do tempo, a partir de leituras em teoria literária, literatura comparada e literatura inglesa, onde tomamos contato com os estudos temáticos, que forneceram o substrato teórico para a presente pesquisa.

Na primeira parte, dedicamo-nos a definições de ordem teórico-metodológica acerca dos estudos temáticos, do conceito de tema e da aplicação prática para o estudo que desenvolvemos. Logo após, tratamos de questões referentes ao tema da peregrinação dentro da literatura ocidental e da literatura anglo-saxônica, prosseguindo, enfim, para a análise dos textos. Na conclusão, procedemos a comparação, demonstrando os resultados obtidos.

Tendo em vista que se tratam de textos conhecidos principalmente pelos seus títulos originais, optamos por mantê-los no corpo do trabalho, mesmo no caso de “*The Seafarer*”, que já tem uma tradução publicada em português.

Uma palavra sobre a bibliografia. Tendo em vista a dificuldade em se obter obras sobre o assunto – que, repetimos, está estreitamente ligado à experiência histórica e cultural das Ilhas Britânicas –, os livros e artigos consultados foram, majoritariamente, em inglês. Em português entraram as duas principais obras de consulta, que talvez chamem a atenção de algum leitor: trata-se do **Curso de Literatura Inglesa**, de Jorge Luis Borges, e da obra **A Literatura Inglesa**, de Anthony Burgess. São livros em muitos aspectos similares: produzidos como compilação de aulas (a de Burgess, para estudantes de inglês do sudeste asiático, e a de Borges, para seus alunos de Literatura Inglesa na Universidade de Buenos Aires) e por dois grandes nomes das letras do século passado, que trazem dois aportes fundamentais para o tipo de análise que aqui propusemos. A primeira é o olhar não tão “acadêmico” de seus autores, mais preocupados em ler e apresentar descontraidamente a obra em estudo do que “trabalhá-la” dentro de teorias, moldes e métodos pré-estabelecidos, emprestando à análise, antes de tudo, o refinadíssimo olhar dos grandes artistas que são. A segunda é o espaço e o cuidado que destinam à literatura anglo-saxônica,

muito maior que o da média dos trabalhos de consulta da área. No caso da obra de Burgess o espaço destinado não é tão grande – embora seja, em número de páginas, praticamente o mesmo que reserva ao estudo de Shakespeare, por exemplo –, mas seus poderosos *insights* sobre o período e a relevância deste para a literatura e cultura de seu país foram de grande valia. Quanto ao **Curso** de Borges, nada menos do que um quarto do trabalho é dedicado aos anglo-saxões, o que se explica, em parte, pela predileção do grande autor argentino por estes poemas, os quais chegou a traduzir para o castelhano. Foram esses os principais guias deste trabalho, que é, a seu modo – e sem querer ousar uma comparação totalmente indevida com gigantes – também orientado principalmente pelo prazer da leitura e pelo amor à literatura, companheiros inseparáveis deste caminho que trilhamos no curso de Letras, e do qual, esperamos, este trabalho seja testemunho.



1 CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMA

1.1 O TEMA NA LITERATURA: PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Cumprido, antes de tudo, determo-nos um pouco na definição do objeto de estudo, isto é, no tema literário. Não é tarefa fácil: o conceito varia de país para país e de autor para autor, deixando margem para várias incompreensões que, por si sós, perfazem um problema à parte enfrentado pelos acadêmicos. Em artigo publicado em 1988 na revista **New Comparison**, o comparatista Holger Klein aponta que “*that so often lamented terminological chaos and wrangling should not mesmerize us*” (KLEIN, 1988, p. 2) convidando os seus colegas a enfrentá-lo. O problema é também notado por Cristina Naupert, que lamenta a “*inseguridad terminológica*” presente nos estudos temáticos. (NAUPERT, 2001, p. 64).

Nossa saída foi procurar com uma definição radical que, por ser radical, pode abarcar todas as demais, divergentes em um ponto ou noutra mas concordantes na idéia central. A definição é a dos investigadores Álvaro Manuel Machado e Daniel-Henri Pageaux, para quem o tema é “tudo aquilo que é elemento constitutivo e explicativo do texto literário, elemento que ordena, gera e permite produzir o texto”. (MACHADO & PAGEAUX, 2001, p. 91) Esta definição põe em relevo o caráter ordenador e estruturante que ele confere à obra literária. O tema guarda, assim, relação com a própria *estrutura* da obra *ordenando-a*, sendo, segundo os investigadores, um elemento *mediador* e *fundador*: “mediador entre o homem e sua cultura” e “fundador do texto, do qual constitui as estruturas profundas (relacionando assim o texto ao imaginário colectivo e/ou individual” (Idem). Apontam os autores que o tema é, a um tempo: a) a matéria histórica e cultural presente nos textos a serem analisados; b) a abordagem poética, reveladora do modo como são estabelecidas as relações entre o tema e a estrutura formal da obra; c) o fio condutor do estudo, que permite a passagem de um texto a outro (Ibid, p. 93).

Já Cristina Naupert, em seu trabalho dedicado ao assunto, sublinha o caráter dúplice da expressão: *“Tema se desdobra basicamente en dos estratos de significado: uno, contenido en la equiparacion de tema con fabula preestabelecida (tema = Stoff); otro, más general y abstracto, donde tema abarca ideas, sentimientos, problemas y conceptos de un alcance muy difuso”*.(NAUPERT, 2001, p. 123) A definição de Machado e Pageaux aproxima-se, assim, deste último significado apontado pela autora alemã.

O estudo do tema – dizem Machado e Pageaux – exige que o texto seja alvo de duas leituras: primeiro, uma leitura que o entenda como universo coerente; segundo, uma leitura que procure um sentido no interior deste texto e no campo histórico e cultural ao qual ele pertence. *“Assim”* – dizem os autores – *“passa-se obrigatoriamente duma análise formalista ou estruturalista do texto para uma análise intertextual e cultural. O texto literário é o lugar dialéctico onde se articulam estruturas textuais e extratextuais, participando o tema, justamente, das duas séries. O estudo temático revela, afinal, claramente, as duas fases indissociáveis da investigação literária: o estudo do funcionamento interno dum texto (dum tema num texto, a leitura contribuindo para pôr em evidência, para reconstituir um conjunto de funções) e o estudo da função social e cultural desse mesmo texto”*.(MACHADO & PAGEAUX, 2001, p. 94) Concluem então os autores, o estudo temático *“oscila entre a ideologia (história das idéias, relações entre literatura e história) e o imaginário, que é uma outra maneira de interrogar a história”*. (Idem)

O tema é, assim, aquilo que agrupa estes elementos textuais, e o faz, nas palavras de Claudio Guillén, *“by providing links with life and with literature”*. Ou seja, o tema não se esgota dentro da obra ou dentro da literatura mesma, mas está em relação com o mundo. Por isso, Guillén, ao falar do tema dentro da poesia, fala-nos da *“tripla ligação”* que o tema estabelece: com a poesia, com o mundo e consigo mesmo. (GUILLÉN, 1993, p. 196)

Quem se aventura num estudo temático precisa – ensina Guillén – eger, extrair, citar aqueles elementos parciais que constituem o tema e que são agrupados pela intervenção do leitor.(GUILLÉN, 1993, 192) Afinal, como vimos, sendo o tema um elemento ordenador dentro da obra literária, devemos nós, como leitores, ter em mente aquilo que é ordenado e atentar para o fato de que os temas dentro de uma obra não estão isolados, mas sim interligados. Assim, conforme sublinha Brunel, *“não ocorreria ao espírito tratar do tema*

do amor no teatro de Corneille sem estudar suas múltiplas combinações com o tema da honra”. (BRUNEL, 2000, p. 111)

Esta atitude crítica deve levar em consideração aquela tripla ligação de que Guillén fala – isto é, que o tema tem com a literatura, com o mundo e consigo mesmo – e que encontra ressonância na afirmação de Luz Aurora Pimentalde que não se concebe um tema sem estar inscrito em uma tradição literária. Cristina Naupert concorda e afirma que, para um estudo temático valer a pena, devemos considerar as *“tradiciones supranacionales que Forman dentro del sistema literário al respecto cuatro grandes áreas que suministran de manera incesante este material que nutre las literaturas por encima de fronteras políticas y lingüísticas”*.(NAUPERT, 2001, p. 95)

Essas tradições, segundo Naupert, são quatro. A primeira é o legado da mitologia Greco-romana; a segunda, a tradição mítico-religiosa do cristianismo; a terceira são o acervo de lendas populares e a quarta são os mitos literários, oriundos do imaginário popular extraliterário (como Don Juan ou Fausto) ou do imaginário da tradição literária (como Dom Quixote ou Hamlet), sem nunca esquecer a História, que também fornece figuras de relevo prontas para virar matéria literária ou famosas batalhas e guerras que, segundo ela, *“han entrado a formar parte del entramado de textos literários de diferentes lenguas”*. (Idem, p. 95). Assim, nosso percurso que ora inicia segue por uma investigação sobre o tema escolhido – a peregrinação – dentro da literatura ocidental, para depois particularizá-la dentro da literatura anglo-saxônica, onde se situam as obras escolhidas como objeto de nosso estudo: *The SeafarereThe Wanderer*.

1.2 – O TEMA DA PEREGRINAÇÃO NA LITERATURA OCIDENTAL: UM BREVE PERCURSO

Antes de darmos início ao percurso que nos propusemos tomar, é importante, assim como fizemos anteriormente com o estudo do tema, abordarmos a questão da definição de peregrinação. Conforme nos lembra Dee Dyas em **“Pilgrimage in Medieval English Literature”**, a palavra “peregrino” vem de *“peregrinus”* em latim (“per”, através, e

“ager”, terra, “aquele que passa através das terras”). (DYAS, 2001, p. 1) O significado de peregrino era o de andarilho: um viajante oriundo de terras estranhas. Na tradução latina da **Bíblia**, a **Vulgata** de São Jerônimo, foi o termo utilizado para traduzir o hebraico “gur” (presente no **Antigo Testamento**) e o grego “parepidemos” (“residente temporário”), sempre no contexto da relação do povo de Deus (o Israel do **Antigo Testamento** e seu sucedâneo no **Novo Testamento**, a comunidade cristã, o Novo Israel). Está presente na **Carta aos Hebreus (11:13-14)**, onde percebe-se a presença da noção de peregrinação como alheamento:

13. Todos estes morreram na fé, sem terem alcançado as promessas; mas tendo-as visto e saudado, de longe, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra.

14. Ora, os que tais coisas dizem, mostram que estão buscando uma pátria

A **Carta aos Hebreus** é um texto de especial importância para se definir as atitudes cristãs frente à peregrinação, dada a imensa influência que exerceu nas ideias medievais sobre o assunto (DYAS, 2001, p. 6). A cristandade latina entendeu a expressão de modo semelhante, denominando “*peregrinus*” ao residente em país estrangeiro, cuja condição essencial é não desfrutar do status de cidadão. A definição de Santo Agostinho nos seus “Comentários aos Salmos” é clara: “chamam-se peregrinos os que habitam numa pátria que não é sua” (RUFINO, 2011, p. 114). E ele estende o tema, logo à frente: “Todo homem é peregrino nesta vida”. (Idem, p. 115) A partir daí a expressão “peregrino” começa a ganhar outro sentido.

São Cipriano de Cartago, em seu tratado “Sobre a mortalidade”, diz:

We should consider, beloved brethren, and we should reflect constantly that we have renounced the world and as strangers and foreigners we sojourn here for a time. Let us embrace the day which assigns each of us to his dwelling, which on our being rescued from here and released from the snares of the world, restores us to paradise and the kingdom (CIPRIANO: 1958, p. 220)

Assim, o peregrino é um estrangeiro, e a peregrinação, entendida no sentido que ganhou, como “*el viaje individual o colectivo hacia un lugar santo, efectuado por motivos*

religiosos y en espíritu de devoción". E mais: *"extrañamiento, por tanto, desarraigo, incomodidad, penalidades, sacrificio, provisionalidad, constituyen algunos de los vocablos que solemos colocar en el campo semántico de "peregrinación"*. (GARCÍA DE CORTÁZAR, Disponível em: <http://www.vallenajerilla.com/berceo/santiago/homoviator.htm>. Acesso em: 12 out 2013)

A esta viagem o peregrino se entrega a fim de buscar "a mudança interior ou conversão e o aperfeiçoamento espiritual. O cavaleiro errante, o monge e o peregrino procuram não se deixar contaminar pela loucura e alienação deste mundo, até encontrarem ordem e estabilidade". (Idem)

A expressão "peregrinação" surge no mundo latino e cristão, mas a ideia de viagem dotada de sentido transcendente o antecede em muito. Cristina Naupert aponta as quatro fontes de onde nasce a tradição literária Ocidental: o legado Greco-latino, o texto da Revelação Cristã, as lendas populares e os mitos literários estabelecidos (NAUPERT, 2001, p. 95). Diante disso, percebemos claramente que estas fontes apresentam a peregrinação como um ponto importante. Isto terá ressonância em várias obras da literatura ocidental, começando por um dos seus textos fundadores, a **Odisséia**. A viagem de Ulisses ali, e depois a de Enéias, na **Eneida** são, de certa forma, peregrinações. Da mesma forma temos a viagem de Dante, guiado por Virgílio, do inferno ao paraíso na **Divina Comédia**. Lemos no canto XXXI do "Paraíso", linhas 43 a 48:

Bem como o peregrino considera
O templo, a que seu voto o conduzira,
E o que vê recontar, tornando, espera,

Na ardente luz a minha vista gira
De degrau em degrau, e agora acima,
Abaixo logo e em derredor remira.¹

¹ ALIGHIERI, Dante. A Divina Comédia. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraiso.html>>. Acesso em: 16 nov. 2013.

Quase contemporâneo de Dante, Chaucer em seu **The Canterbury Tales** (Contos da Cantuária) pede a intercessão do altíssimo:

*And Jesus, by his grace, send me the wit
To show you, while on this trip we engage,
The way of that most glorious pilgrimage
Called heavenly Jerusalem².*

Como diz Luís André Napomuceno,

A peregrinação, como assunto literário, tem raízes na própria condição humana, sob o ponto de vista histórico ou metafísico, já que exprime a situação do ser destituído de sua antiga morada divina e, portanto, exilado em sua própria terra.(NAPOMUCENO, 2002, p. 121)

No século XVIII, Byron deixou-nos **Childe Harold's Pilgrimage**, que também trata do tema. Já no século XX temos a peregrinação em poemas como "Marina", de T.S. Eliot; ou "Sailing to Byzantium", de Yeats, que o definiu como um poema que simboliza a busca pela vida espiritual através de uma jornada a Bizâncio.

Phillip Edwards (2009) nos fornece dois significados possíveis para o peregrino: o primeiro é o viajante solitário para um local em busca de comunicação com poderes superiores; o segundo, que ele chama de "*peregrinus*" propriamente dito, já recebeu a iluminação e viaja para aprofundá-la. (EDWARDS, 2009, p. 23) Esta distinção, conforme veremos a seguir, terá importantes decorrências no trabalho.

1.3 – O TEMA DA PEREGRINAÇÃO NA LITERATURA ANGLO-SAXÔNICA

² CHAUCER, Geoffrey. **The Canterbury Tales**. Disponível em: <<http://english.fsu.edu/canterbury/parsonpro.html>>. Acesso em: 15 nov. 2013.

Da mesma forma que procedemos nos capítulos anteriores, iniciamos aqui desenvolvendo um conceito, o de literatura anglo-saxônica. Entendemo-la como a literatura produzida nas Ilhas Britânicas entre os séculos VI e XI em latim ou em idioma anglo-saxão³, ou seja, entre duas invasões: a dos anglos, saxões e jutos à então província romana da Bretanha e a dos normandos, liderada por Guilherme, o Conquistador, em 1066. Este período muitos qualificam de “*Anglo-Saxon England*”⁴, ou “Inglaterra anglo-saxônica” expressão que também adotaremos aqui.

A invasão germânica arrasou a cultura dos povos autóctones e empurrou-os para o Oeste, além de ter deixado poucos resquícios da cultura latina então existente. Os anglo-saxões, ao que parece, pouca importância deram, a princípio, à civilização celta-romana que ajudaram a destruir, dando-lhes o epíteto genérico de ‘*Wellas*’, que significa ‘estrangeiros’, antepassado lingüístico de “Welsh”, “galeses”, descendentes daquele povo.

Esta atitude de desdém só modificou-se a partir da conversão operada por Santo Agostinho (não o santo de Hipona, autor de **A Cidade de Deus**, e sim Santo Agostinho da Cantuária), no final do século VI. Neste momento, conversão significa latinização. Como ocorreu a outros povos europeus, com adoção do cristianismo pelos anglo-saxões veio o influxo de cultura latina que sempre acompanhou estes processos na Europa. Ao mesmo tempo, tomou corpo a miscigenação entre os três povos germânicos predominantes que, apesar de suas grandes semelhanças, possuíam suas particularidades e características distintivas, que se mantiveram por algum tempo depois de aportarem em solo britânico. Aos poucos, tornaram-se um só – os *englisc*, antepassados dos “English”, os ingleses de hoje.

Seriam receptores, além do influxo latino, da influência do cristianismo irlandês. Convertida por São Patrício no século V, a Irlanda seria, neste momento de queda da cultura e da civilização clássica, um local de refúgio e de renovação desta cultura, desaparecida em outros cantos da Europa. Numerosas missões de irlandeses atravessarão o mar da Irlanda e

³Duas são as expressões normalmente utilizadas para definir o idioma falado na Inglaterra entre os séculos V e XI: anglo-saxão ou inglês antigo (Old English). Aqui preferimos o uso do primeiro. “Inglês antigo” daria, segundo entendemos, a idéia de que há uma continuidade sem interrupções bruscas entre o idioma daquela época e o inglês moderno, quando não é assim: a sintaxe, a morfologia e grande parte do vocabulário dos dois idiomas diferem imensamente. O anglo-saxão, assim como os idiomas germânicos em geral, era sintético, contendo casos e declinações, ao contrário do inglês moderno. *Grosso modo*, poderíamos dizer que o anglo-saxão está para o inglês moderno como o latim para o português.

levarão à Inglaterra o seu cristianismo monástico, seus manuais de filosofia, suas belíssimas obras manuscritas e seu fervor religioso.

Tudo isto irá se refletir fortemente na maneira como os anglo-saxões abordam o tema da peregrinação. Duas tradições se destacam no interior desta nova igreja, segundo Dyas: primeiro, a já mencionada tradição do cristianismo celta, que enfatiza o exílio por si mesmo, com significado espiritual de sair de casa e da terra natal em direção a Deus através do desconhecido. Para o monge irlandês (e depois, para o anglo-saxão) o mar servia como se fosse o “deserto” dos “padres do deserto” (por quem foram muito influenciados) da Igreja do oriente Médio, ou seja, o lugar onde lutavam espiritualmente contra as forças do mal. (DYAS, 2001, p. 96). Um escriba irlandês anônimo descreveu assim a peregrinação perfeita:

The Lord Himself gave this friendly counsel ... unto Abraham ... that He should leave his own country ... and that he should go for his pilgrimage into the land which God would show him, to wit, the Land of Promise... Now the good counsel which God enjoined here on the father of the faithful is incumbent ... on all the faithful; that is to leave their country and their land, their wealth and their worldly delight for the sake of the Lord of the Elements, and to go into perfect pilgrimage in imitation of him.(Idem)

Em segundo lugar, temos a tradição da Igreja romana, que dá maior ênfase à peregrinação a locais santos do cristianismo (a chamada “peregrinação geográfica”), citada no capítulo anterior. Um exemplo da influência latina se vê na obra do Venerável Beda, autor de textos onde encara a vida como uma peregrinação – baseada nas vidas dos santos latinos – aparece como modelo ideal de existência em Cristo. (DYAS, 2001, p. 91)

Em idioma anglo-saxão, temos a “Homilia V” das Blickling Homilies, onde se lê:

“Lo! we know that all the glory and comeliness (beauty) of this life hieth and hasteneth to an end, for the body grows old, and its beauty fades and returns to dust.

(...)

Verily, the glory of this world is brief and transitory, but the glory of the Lord continueth for ever”

(ANÔNIMO,
2000,http://www.yorku.ca/inpar/Blickling_Morris.pdf)

Na “Homilia II” se lê:

Therefore it is needful for us to perceive the blindness of our pilgrimage; we are in the foreign land of this world—we are exiles in this world, and so have been ever since the progenitor of the human broke God's behests, and for that sin we have been sent into this banishment, and now we must seek hereafter another kingdom, either in misery or in glory, as we may now choose to merit.(ANÔNIMO, 2000, http://www.yorku.ca/inpar/Blickling_Morris.pdf)

Já a obra Guthlac, baseada na vida do santo anglo-saxão homônimo também traz essa temática. Aqui, lhe ensinam o que é a peregrinação:

My beloved son, be thou not too sad at heart ; I am hastening on my way to take a dwelling-place on high, yearning for reward in that eternal joy for all my former works, to see the Lord of triumph.

My beloved son, 'tis no misery for me nor hardship, to seek glory's God, heaven's King, where is peace and bliss, joy of the exalted, and there the Lord is present, whom I, with all the secret powers of my soul, with all my mind and strength, during this mournful tide, have eagerly delighted with my deeds. I know that the reward is faultless, a lasting recompense, holy upon high ; my heart's desire is to seek that place ; my soul striveth from its body's vessel to reach that lasting joy 'mid blissful happiness. This earthly home hath neither pain for me nor sorrow ; I know, for me, after my body's fall, there is an endless recompense.(ANÔNIMO,

http://archive.org/stream/exeterbookanthol00goll/exeterbookanthol00goll_djvu.txt. Acessado em 14 nov 2013)

Temos aqui o desejo inadiável de buscar a Deus onde Ele estiver, recebendo por isso uma recompensa incomparável. Já aqui, mostra como deve agir quando se perde o mestre:

Courage is best for him who must too oft experience sorrow at his master's bale, and deeply ponder o'er his grievous parting from his lord, when the season cometh, woven with fate's

decrees; he knoweth it who must pine with sorrowing soul; he knoweth his generous dispenser to be hidden in the earth ; bowed down, lamenting, he must depart from thence. He lacketh all joy, who suffereth oftentimes afflictions such as these in his sad soul. I have no cause, forsooth, to be gladsome at his journey hence.(ANÔNIMO,

http://archive.org/stream/exeterbookanthol00goll/exeterbookanthol00goll_djvu.txt. Acessado em 14 nov 2013)

Estes dois pontos – a busca por Deus, acompanhada da rejeição do mundo e a perda do mestre – mostrar-se-ão concatenados nos poemas que analisaremos. O homem sem um senhor mostra-se sem rumo, sem alguém que o oriente. Ele se vê então sem prumo – até que busca a Deus, o mestre que nunca morre, eterno, perene, ao contrário do senhor da tribo ou do reino, que perece assim como todas as coisas desta terra.

A leitura do poema “Exodus”, que fala do capítulo do **Êxodo**, na **Bíblia**, nos revela a maneira particular como os anglo-saxões entendiam a relação entre viagem marítima e peregrinação: os israelitas são chamados de “*saemen*” e os egípcios, “*landmenn*”. A interpretação que se dá é a de que um fica na terra (egípcios) enquanto outro peregrina numa viagem à casa celestial. Ou, como diz Dyas,

Exile from Eden and alienation from God was the common punishment for sin visited upon Adam, Eve and all their descendants; pilgrimage, that is a voluntary leaving of one's home, was the response subsequently required of Abraham and his descendants¹³ if a new relationship with God were to be established.(DYAS, 2001, p. 109)

Chama atenção a identificação que faz entre o mar e a peregrinação:

*Of particular interest to students of the **Seafarer**, however, is the apparently eccentric use of sea-imagery to describe the progress of the Israelite exiles across the desert. The fact that the people of Israel are here identified not merely as *wraecmen* but as *saemen*, argues a strong link in the mind of the Exodus-poet between the concept of being God's obedient people on the move and sea travel. As far as I am aware, no clear patristic source for this particular equation has been identified.*(Idem)

Quem se aventura no mar abandona-se à vontade e à piedade divina: quem permanece em terra busca segurança e conforto. A terra representa as alegrias mundanas e a segurança, e o mar, o prostrar-se ante o desejo de Deus. Como diz Dyas, *“In allegorical terms it seems that the Christian viator became in Anglo-Saxon thought a Christian seafarer”*. (Ibid., p. 112) Ou seja, para peregrinar, ele não se lança à peregrinação por terras ignotas, mas sim ao mar desconhecido.

2 A PEREGRINAÇÃO EM “THE SEAFARER” E “THE WANDERER”

2.1 HISTÓRICO E COMPOSIÇÃO DOS POEMAS

A data em que “*The Seafarer*” foi composto é incerta. Certa – ou quase isso – é apenas a época em que foi encontrado: por volta de 960 d.C. Estudos filológicos apontam para a possibilidade de ter sido composto em Mercia, na metade do século IX. Quanto a “*The Wanderer*”, estudos similares dão como data provável de composição alguma época no final do século IX, provavelmente em East Anglia ou Northumbria. (KLINCK, 2001, p. 19). É possível que os poemas tenham sido compostos muito antes e registrados depois, como é freqüente na poesia de povos de letramento recente ou incipiente.

“*The Seafarer*” e “*The Wanderer*” são dois dos textos presentes no chamado **Exeter Book**, assim denominado por terem sido doados para a Catedral de Exeter no ano de 1072. Ali estão também outros textos literários anglo-saxônicos de grande importância, como “*Deor*” e “*The Ruin*”. A época em que esses textos foram descobertos coincide quase que perfeitamente com o meio-caminho entre as duas invasões que os anglo-saxões sofreram: a primeira pelos vikings, no século anterior, e que ocasionou a divisão da ilha em 878 pela *Danelaw* (um tratado que determinou o limite do território ocupado pelos nórdicos) e a segunda seria pelos normandos, comandados por Guilherme, o Conquistador, em 1066, pondo fim aos tempos da Inglaterra anglo-saxônica. Foi um período de grandes tribulações, de violência destruição e mortes, que um monge da época resumiu bem na seguinte frase: “*Summa pia gratia nostra conservando corpora et custodita, de gente fera Normannica nos libera, quae nostravastat, Deus, regna*”⁵.

⁵ “Nossa graça suprema e sagrada, protetor nosso e do que é nosso, livrai-nos, ó Deus, da raça selvagem dos Homens do Norte que destroem nossos territórios”. (Tradução minha do original, encontrado em BIRRO, Renan Marques. **Uma história da guerra viking**. Vitória: DII/ufes, 2011.P.85.)

Os manuscritos originais de “*The Seafarer*” e “*The Wanderer*” que chegaram até nós são textos relativamente curtos. À primeira vista, um leitor que desconheça o idioma não perceberá que se trata de um poema. No entanto, caso se aproxime dos manuscritos, ele notará a presença de pontos, traços ou espaçamentos entre algumas palavras. Talvez ele se sinta então inclinado a pensar que se trata da divisão de linhas de um verso para outro. E se enganará novamente, sendo este um engano ainda mais provável de ocorrer caso se trate de um leitor brasileiro ou de um idioma neolatino: ele estará diante de uma característica, senão alheia, ao menos rara não só na sua literatura nacional como na tradição poética da qual faz parte: a “*headrhyme*”.

Trata-se do emprego da aliteração no começo da sílaba tônica, um recurso estilístico muito presente na poesia dos antigos povos germânicos. A aliteração consiste, segundo o dicionário Delta Larousse, “na repetição de fonemas no início, meio e fim dos vocábulos próximos ou mesmo distantes (desde que simetricamente opostos) em uma ou mais frases, em um ou mais versos”. Em geral, este tipo de construção poética exige um verso de quatro acentos, dividido ao meio por uma cesura, geralmente entre o segundo e o terceiro acento. No caso do manuscrito de Exeter, os pontos e espaços marcam as cesuras e a separação entre linhas.

Este recurso enfatiza o aspecto oral da poesia: só se pode compreender perfeitamente o impacto estético do poema ao declamá-lo, e aí o leitor-ouvinte terá acesso a uma poesia pulsante e viril, onde os sons duros do idioma anglo-saxão parecem marcar um compasso percussivo.

Outro recurso muito comum na poesia anglo-saxônica são as “*kennings*”, também presentes em outras literaturas germânicas. Trata-se de expressões compostas com sentido metafórico, servindo como sinônimo de expressões simples. Exemplos de *kennings* são “*hwalweg*”, literalmente “estrada da baleia”, usado como sinônimo de mar, ou “*breosthart*”, literalmente tesouro do peito, como sinônimo de coração.

Apesar de haver discussão sobre qual o gênero dos poemas, a posição mais aceita é a de que se trata de uma elegia. No entender de Jorge Luis Borges, porém, o termo “elegia” é equivocadamente usado para definir poemas como “*The Seafarer*” e “*The Wanderer*”, uma vez

que tradicionalmente as elegias existem para se lamentar a morte de alguém.(BORGES, 2002, p. 72). No mesmo sentido, Anne Klinck entende que o conceito de elegia anglo-saxônica não é o mesmo do conceito clássico de elegia (KLINCK, 2001). Por isso, merece um conceito à parte, dado pelo estudioso Stanley Greenfield: "*a relatively short reflective or dramatic poem embodying a contrasting pattern of loss and consolation, ostensibly based upon a specific personal experience or observation and expressing an attitude towards that experience*" (GREENFIELD, 1989,p.94).

2.2 A ANÁLISE DO POEMA "THE SEAFARER"

"*The Seafarer*" é composto de três seções, à maneira dos salmos. (DYAS, 2001, p. 119). A primeira seção (linhas 1 a 33^a) corresponde ao planteamento do problema do narrador, onde são colocadas todas as provações pelas quais passou. O narrador é fiel a Deus e a sua jornada, mas tem momentos de dor pela provação, havendo momentos de ansiedade, tristeza, queixas pela difícil vida escolhida. A segunda seção (linhas 33b a 102) mostra o dilema do narrador e seu desejo por partir em viagem, concluindo que o mundo é fugaz, o homem é fraco e a riqueza nada traz de essencial.A terceira (linhas 103 até o final) enfatiza a grandeza do criador e exorta o leitor a participar com ele na busca por Deus.

"*The Seafarer*", aqui traduzido como O Navegante", tem início com uma declaração explícita das intenções do seu autor⁶:

<i>Quero cantar eu mesmo</i>	<i>minha vera versão</i>
<i>Versar várias viagens</i>	<i>de como dias</i>
<i>Duros, árduos,</i>	<i>tristezas enfrentei,</i>

⁶ Anônimo. **O Navegante/The Seafarer**. Tradução e posfácio de Rodrigo Garcia Lopes. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

Amargas angústias *suportei a sós,*
Moradas de mágoa *provei na popa*
As torres terríveis *das ondas onde*
A nervosa noturna vigília *me levava até a proa*
Roçando os recifes. *Algemado pelo gelo,*
Meus pés presos *pelos ferros do frio*
Enquanto o sofrer suspirava *quente em volta do peito*
Fome feroz dilacerava *por dentro o coração*
Marexasto.

Ele deseja, ao menos neste momento, contar aos homens que o leem as grandes dificuldades pelas quais passou a bordo. Borges, em sua leitura do poema, percebeu aí uma marca de subjetividade inédita para o homem medieval, prefigurando, de certa, poemas como “Song of Myself”, de Whitman. (BORGES, 2002)

A seguir, nas linhas 12 a 16, o Navegante estabelece o contraponto entre a cidade e o mar:

Disso nada sabe
Quem nas cidades se distrai *quem nunca deixou terra firma*
Como eu (cansado e miserável) *no mar glacial*
Um inverno vivi *pelas trilhas-do-exílio*
Privado de minha tribo.

A contraposição não se dá somente entre cidade e mar, mas, mais genericamente, entre terra-firma e o mar. Na cidade, o homem se distrai, a vida é vã; na terra firme há segurança, há o conforto acomodado e não o “caminho do exílio”, o “*wraeclast*”, expressão que também aparece em outros poemas anglo-saxões.

Vemos aqui a distinção entre terra e mar, que, como vimos, é capital dentro da literatura anglo-saxônica, com o mar frequentemente sendo sinônimo de peregrinação, de vida religiosamente orientada, onde as pessoas embarcam em viagens para encontrar a

Graça; e a terra, ao contrário, como o local onde tal peregrinação não ocorre, onde o homem sente-se seguro e não sai em busca de Deus. (cf. DYAS, 2001, p. 108) Ao mesmo tempo, o mar é o lugar onde o perigo se mostra e onde o homem arrisca a vida, sofre com as durezas da existência e as dificuldades que fazem parte da peregrinação acrescentam-lhe um significado profundo, até mesmo em termos iniciáticos. Já a terra, por sua vez, é o lugar seguro, que impede que tudo isso ocorra e o homem não se transforme. A dor e as dificuldades estão, aí, como em outros momentos da poesia de inspiração cristã, intimamente ligados: como visto anteriormente, lembro que no poema anglo-saxão “Exodus”, os egípcios - inimigos do Povo de Deus - são os “*landmenn*” (homens da terra), enquanto os israelitas, o povo de Deus, são os “*saemen*” (homens do mar).(Idem, p. 109)

À linha 16, o poeta revela-se “privado de sua tribo”. Esta não é uma declaração vazia. Aqui ele deixa à mostra que a relação tribal de *comitatus* – isto é, uma relação entre senhor e cavaleiro baseada sobretudo na honra e na confiança - se perdeu, relação esta que é centralíssima para o homem anglo-saxão. Entre as linhas 19 e 26, ele diz:

Às vezes só a canção do cisne
Me divertia; ruídos de mergulhão
Cantos de maçarico em vez de riso humano,
Gritos de gaivotas eram meu hidromel.
Tempestades espancavam penhascos, as andorinhas respondiam
(Suas asas geladas) sempre ao grito da águia
(Geadas:suas asas). Nenhum parente aqui
Pra proteger e consolar minha alma miserável.

Ele lamenta a solidão, onde só a “canção do cisne” o diverte e onde não havia parente para ajudá-lo. Também importa, aqui, destacar a “falta dos parentes”. A importância da vida familiar dentro do mundo anglo-saxônico é capaz de “proteger e consolar a alma miserável”. Nota-se, aqui, a descrição da viagem marítima como algo doloroso, triste, como vemos entre as linhas 26 e 30:

*Pois os que aproveitam os prazeres da vida
No conforto das vilas de suas vidas vazias
Vaidosos e alegres de vinho mal adivinham
Que cansaço suportei na senda do oceano.*

O autor retoma aqui a oposição entre a existência sem sentido e vã nas cidades – “vida vazia” – dedicada aos prazeres mundanos, e a vida dura do mar, a vida “verdadeira”, onde o caminho do peregrino se dá. Há uma clara condenação a este estilo de vida, “vazio” e cheio de vaidades. Logo à frente, ele sente uma espécie de chamado (linhas 33-38):

*Pois meu peito se agita,
Provoca meu pensamento, quer que eu me lance
Nessas ondas imensas no tumulto das cristas-de-sal
Meu desejo sopra sempre o espírito pra frente
Me quer desterrado, longe daqui
Errando atrás de terras estranhas.*

O Navegante sente o seu peito querer que se lance ao mar, ir atrás de terras estranhas – um verdadeiro “chamado selvagem” – e um enfatizar da sujeição à vontade de Deus. E é um chamado repleto de significados e uma verdadeira honraria para quem o recebe, como ele mesmo diz (linhas 39-46):

*Pois não há ninguém no mundo de espírito mais orgulhoso
Nem com tal dom de se doar, nem tão viril na juventude,
Nem tão valente em seus feitos, nem tão temente a Deus,
Que aquele que navegando nunca tem medo
Do destino que Deus lhe preparou.
Não pensa em harpejos de harpa nem recompensas,
Nem carinhos de mulher nem delícia mundana,
Nada a não ser no incessante oscilante oceano.*

Ele em nada pensa, exceto no “oscilante oceano”. A seguir vemos um trecho que parece anunciar a chegada da primavera (linhas 48-52):

*Florestas florescem, cidades se decoram,
Campos se colorem, o mundo se renova;
Mas tudo isso anima a mente ainda mais,
Convida à viagem o coração que só quer
Perder-se na distância pelas pistas oceânicas.*

A chegada deste momento importante do ano impele o homem à viagem. A primavera é de importância capital para o anglo-saxão: é o tempo de *Eóster* (que, em inglês moderno, virará “*Easter*”, Páscoa), “*associated with the coming offspring and the dawn, and her festival is celebrated at the spring equinox. Because she brings renewal, rebirth from the death of winter, some Heathens associate Eostre with Idunn, keeper of the apples of youth in Scandinavian mythology*”. (CUSACK, 2008) Assim, este momento ganha um caráter quase de iniciação, como diz Rodrigo Garcia Lopes no posfácio de sua tradução. (LOPES, ano, p. 50)

Quanto ao “confortável burguês” que habita as cidades, este nada sabe desta vida – não sabe como sofre e também não sabe o que é a “fome de espírito”, nem o que é saciá-la. Retoma a oposição cidade e mar nas linhas 55 a 59:

*Pois disso nada sabe
O confortável burguês como sofre quem singra
Sem trégua as trilhas-do-desterro.
Pois agora minha mente decola da tranca do peito,
Deseja viajar.*

Logo a seguir, temos a descrição da viagem do espírito do navegante:

*Meu espírito tem fome,
Parte p’rasestradas-d’água, flutua sobre o berço da baleia,
Passeia pela Terra e volta para mim*

*Ávido e voraz; o voador-solitário grita,
Excita o espírito sem resistir
Para a vastidão das vagas.*

Ele voa para um “passeio pela terra” e volta “à vida”. Aí temos a grande mudança de tom em “*The Seafarer*” (linhas 64-67):

*Pois bem mais quentes
são os prazeres de Deus que essa morte em vida
transitória pela Terra. Não creio
Que riquezas mundanas durem para sempre.*

Essa mudança se dá com a conclusão central de que a morte em vida na terra, a morte do burguês cuidadoso e vão, não é nada perto da alegria de estar na presença de Deus. Há, ao mesmo tempo, a celebração do heroísmo pagão (da coragem, da intrepidez, etc.) e da busca por Deus. Afinal, conclui-se, as riquezas mundanas não são para sempre e a morte é uma certeza. Repete-se, de certa forma, a reflexão das linhas 26-30.

Como diz Rodrigo Garcia Lopes,

se mesmo a fama conquistada em batalhas e o desejo de riqueza são nada perto do poder de Deus, é para um ‘mais além’ que o navegante se dirige agora. O mar adquire, na segunda parte do poema, conotações alegóricas, transcendentais: a vida talvez seja uma viagem por um mar revolto. Como o navegante, cada pessoa precisa buscar uma razão para viver. Os sofrimentos aqui serão recompensados no além, na glória eterna, seguindo, a partir daí, uma lógica cristã. (LOPES, 2004, p. 51)

Complementa Peter Orton:

the satisfactions, pleasures and beauties that make heroic life on land worth living for the landlubber are thoroughly obliterated by the seafarer's compulsion to return to the sea, so one can understand why he should call life on land 'dead'; for him it had indeed died.(ORTON, 2002, p. 367)

Ante a inevitabilidade da morte, o Navegante enumera três maneiras de morrer: doença, velhice e “ódio da espada” (linhas 68-71):

<i>É sempre uma certeza:</i>	<i>uma entre três coisas</i>
<i>Pesam no balanço</i>	<i>antes da hora fatal;</i>
<i>Doença, velhice</i>	<i>ou ódio-de-espada</i>
<i>Ceifam a vida de um homem</i>	<i>fadado a morrer</i>

As duas primeiras- doença e velhice – são formas “naturais” de morrer, comum a todos os homens, enquanto a terceira – “ódio da espada” – é reservada apenas aos guerreiros.

Vemos, logo a seguir, um momento interessante, onde compara-se a imortalidade e a lembrança dos grandes heróis(linhas 72-80):

<i>Por isso que cada um</i>	<i>receba o aplaudo</i>
<i>Dos que vêm depois</i>	<i>que é o melhor epitáfio</i>
<i>Que trabalhe duro</i>	<i>para ser</i>
<i>Antes de morrer</i>	<i>um bravo no mundo</i>
<i>Derrote o ódio</i>	<i>do demônio</i>
<i>Desafie a malícia</i>	<i>dos inimigos,</i>
<i>E assim receberá o respeito</i>	<i>dos filhos dos homens,</i>

E viverá entre os anjos *a glória da vida eterna,*
Alegre entre guerreiros.

Aqui, ele descreve um “Céu” onde se derrota o demônio e a malícia dos inimigos, recebendo o respeito dos homens (fama e honra, o que é típico dos germânicos) e viverá entre anjos as glórias da vida. Parece-se mais com o *Valhalla* do que com o Céu cristão. Um provável resquício de germanismo. Logo à frente, ele lamenta o fim dos grandes dias (linhas 80-90):

<i>Adeus, dias dourados</i>	
<i>E toda a pompa</i>	<i>das riquezas terrenas;</i>
<i>Nenhum rei agora</i>	<i>nem césares</i>
<i>Nem senhores de anéis</i>	<i>como antigamente,</i>
<i>Quando fizeram façanhas</i>	<i>fantásticas</i>
<i>E viveram na glória</i>	<i>mais suprema.</i>
<i>O nobre bando acabou,</i>	<i>prazeres partiram;</i>
<i>Só os fracos ficaram,</i>	<i>mediócrez mandam no mundo,</i>
<i>Brutos em seus burgos.</i>	<i>O esplendor expirou,</i>
<i>A nobreza da terra</i>	<i>envelhece e definha,</i>
<i>Como bem sabe</i>	<i>quem erra pela terra.</i>

Não há mais o rei, o César, os “senhores de anéis” (no original *Goldgiefan*, “aquele que dá anéis”, *kenning* anglo-saxônica para substituir monarca, rei – é uma expressão da relação de *comitatus* perdida): há apenas os mediócrez e brutos, e quem sabe disso é o errante, aquele que “erra pela terra”. A expressão pode ser entendida de duas formas: quem erra pela terra é aquele que conhece muitos lugares e, portanto, dá-se conta desta triste particularidade do mundo, e quem erra pela terra é aquele que, na solidão de sua peregrinação, alcançou o elevado entendimento de que tudo definha e é fugaz. Aqui, o peregrino, o homem que “erra pela terra”, tem acesso a um tipo superior de sabedoria.

É o fim de uma época de ouro, onde não há mais espaço para os antigos valores, abrindo espaço para uma digressão, logo à frente, sobre a transitoriedade da vida (linhas 91 a 106):

*A velhice o visita, cara perde cor,
De barbas brancas chora, sabe que seus amigos,
Prole dos príncipes, estão entregues à terra.
Quando o espírito despe-se da carne e se despede da vida
Nem doçura nem dor seu corpo sente,
Nem mão se mexe nem mente pensa.
Embora ele deseje forrar com moedas
O túmulo do seu irmão, inútil enterrar os mortos
Com tesouros:ouro nada vale no além
Nem pode a alma povoada de pecado
Usar todo o seu ouro contra a fúria de Deus
Embora o escondesse enquanto estava vivo.
O poder de Deus é terrível, muda o rumo do mundo.
Ele estabeleceu firmes fundações,
A superfície da Terra e o cimo dos céus.
Tolo de quem não O teme: a morte o visita sem aviso.*

A salvação da alma não pode ser comprada por ouro, e sim apenas por uma vida justa, orientada por virtudes (linhas 107-116):

*Sábio de quem vive humilde; esse recebe a graça do céu.
Deus o dotou de espírito estável, pois Ele crê em Seu poder.
Seu remo e seu rumo têm de ser firmes,
Ser honesto em seus atos, de caráter casto.
Um homem precisa enfim moderar
Com seus amigos e mesmo inimigos
Embora deseje o amigo recente*

Crepitando no fogo ou na pira funérea
Consumido, o Destino é mais forte,
E Deus mais poderoso que qualquer idéia humana.

Conforme aponta Dee Dyas, são todas virtudes cristãs: humildade, autocontrole, fé, pureza e outras. (DYAS, 2001, p. 122) A seguir, temos uma exortação final à peregrinação, como uma espécie de oração para que os homens lembrem que só o Céu que encerra o poema (linhas 117-125):

Meditemos sobre onde deve ser a nossa casa
E pensemos num jeito de chegar mais perto,
É preciso batalhar para chegar lá,
No mais eterno êxtase,
Onde a vida depende só do amor de Deus
Céu em festa. Obrigado, Senhor,
Que nos honrou, e adeus, Pai Glorioso,
Deus eterno, para todo sempre.
Amén.

2.3 ANÁLISE DO POEMA “THE WANDERER”

O poema tem início com uma definição do que é a existência do andarilho:

*O andarilho, em sua solitária vida,
Procura e espera pela Graça de Deus
E, mesmo atormentado, põe-se a errar pelas sendas do mar,
Remos a bater-se contra as gélidas ondas,
Por muitos dias e muitas noites, como manda o Destino,
Trilhando o caminho do exílio*

Aqui, temos uma clara alusão ao que é o sentido da existência deste andarilho: é uma vida solitária, em que ele põe-se a caminho procurando pela Graça de Deus. O que é este caminho? É o “caminho do exílio”, a *wræclastas*, que tantas vezes aparece tanto num poema como no outro, trilhado de acordo com o que manda o Destino, a “*wyrd*” (“*Wyrdbiðfularæd*”, “como manda o Destino”) essa entidade tão presente e atuante na cultura anglo-saxônica. É o Destino que o impele a “errar pelas sendas do mar”. O autor então dá voz ao andarilho, que inicia lamentando:

*Ao despertar da aurora
Solitário eu ando a lamentar minhas dores.
Não há viva alma com quem, sem medo,
Eu partilhe o que trago em meu coração.
Aprendi que é do homem honrado
Prender o que pensa na câmara da alma,
Onde guardará o que quiser.*

Percebe-se a angústia do andarilho ante a solidão, onde não pode partilhar descontraidamente com ninguém aquilo que traz na “câmara da alma”. Essa solidão ficará esclarecida logo à frente:

*Os que anseiam pela fama enterram
Suas dores no fundo do peito -
E também eu as enterrei, triste e desolado,
Sem lar nem amigos, desde o longínquo dia
Em que a escura terra cobriu o corpo de meu senhor.*

Aqui temos a morte do senhor revelando o fim do “*comitatus*” e o desenraizamento do andarilho: desde o momento em que ela se dá, o andarilho está “Sem lar nem amigos”. Como ele diz logo a seguir:

*E eu pus-me a navegar por mares gelados,
Saudoso de salões e tesouros,
Com coração apertado, em busca de um bom rei,
Não importa se longe ou perto,
Desde que as maravilhas de seu palácio
Me aliviassem as feridas da solidão.*

Fica então clara a razão pela qual ele lança-se ao mar: em busca de um bom rei, da restauração da relação de *comitatus*, e pela busca de um consolo material. Este sentimento ainda está muito presente neste momento do poema:

*Aquele que isto carrega bem conhece
A amargura do homem sem amigos.
Seu destino é o caminho do exílio:
Nele, não há presentes de reluzente ouro,
Mas sim espírito trêmulo e coração angustiado.*

*Esvaem-se os encantos deste mundo.
Ele então sonha com os velhos camaradas,
Companheiros dos dias de juventude,
Quando lidavam com tesouros e celebravam com o rei.
Findas são estas alegrias.*

Percebe-se ainda uma saudade do tempo em que havia a celebração dos “encantos deste mundo”, ou seja, do tempo em que o guerreiro anglo-saxão celebrava a vida e suas façanhas com seus camaradas. Uma saudade do tempo *docomitatus*, que ele deseja que retorne logo à frente :

*Ao dormir, assalta-lhe a dor,
E, sonhando, ele volta a abraçar o seu senhor,
Pondo mãos e cabeça a seus pés, de joelhos,
Como em dias passados.*

Após perceber que tudo isso é apenas um sonho, ele desperta e vê-se diante do mar:

*Doem-lhe as feridas do coração
Quando se lembra do seu senhor,
E doem-lhe ainda mais
Quando se lembra dos parentes caídos.
Súbito, contente os vê;
Cumprimenta-os, entusiasmado,
E, sorrindo, passa os olhos por seus companheiros.
Mas num relance eles somem,
Flutuando sobre as longínquas ondas, perdendo-se em alto mar,
Sem deixar-lhe palavra de conforto.
São miragem.
A tristeza nunca abandona
Quem amiúde lança às ondas*

Um coração inquieto.

A miragem e o conseqüente dar-se conta desta miragem são parte do processo de “despertar” do Andarilho para sua nova realidade: todo o passado consiste agora em mera lembrança, e toda tentativa de revivê-lo é falsa:

*Em verdade, não entendo
Como as trevas não me enegrecem a alma
Quando medito sobre a vida nesta terra.*

Aqui, o Andarilho entende que *deveria* ter sua alma “enegrecida” pelas trevas quando medita sobre isso. Não é o que acontece, mas isso não quer dizer que a tristeza o tenha deixado. Ele não entende como sua alma não está enegrecida, porque acha que ela deveria estar assim. Ou seja, ele não deixa de perceber o que há de mau neste mundo: apenas não se abate com isso.

*Tantos cavaleiros, orgulhosos homens de guerra,
Vi, um por um, quedar em campos de batalha,
De onde nunca mais voltarão:
Nos salões onde pisaram e onde cantaram fama,
Nunca mais estarão.
E assim como eles, caídos pela terra,
O nosso mundo dia após dia decai,
Até quedar inteiro e para sempre”.*

Neste momento, o Andarilho dá-se conta de que o tempo dos grandes guerreiros já passou e que este mundo é decadente. O mundo já não é o mundo deste perfil ético, mas sim de outro, marcado pela temperança:

*O homem sábio é paciente,
Não cede à raiva, nem fala sem pensar,
Em batalha não é fraco e nem temerário,
Na cidade, não é medroso, servil ou ávido de ouro,
E não o vemos falar de si sem antes
Saber o que seu espírito deveras quer.*

Após isso, vem uma descrição apocalíptica sobre o mundo em que este homem sábio habita:

*Quedam as antigas muralhas,
Cobertas por gelo e batidas por ventos,
Ruínas de tempo ido.
Quedam os imensos salões,
Onde soberanos bebiam o doce vinho,
E quedam as orgulhosas hostes de homens de guerra,
Mortos em batalha, à beira das fortalezas:
Quedam, todos, e caídos cobrem a terra.*

Segue-se uma reflexão do homem sábio, consternado diante da situação:

*Onde estão agora cavalo e cavaleiro?
Onde está o rei e seus generosos presentes?
Onde estão os deleites dos salões?
Ó, taças brilhantes!
Ó, guerreiros em armadura!
Ó, esplendor do rei!
Dias que se foram, esquecidos na noite escura do passado,
Como se nunca houvessem existido!*

Este é um trecho de especial importância. Seu começo serviu de inspiração para J.R.R. Tolkien criar o lamento entoado por Aragorn em *O Senhor dos Anéis*. (Tolkien, 2004, p. 531). Dee Dyas aponta que esta passagem é típica da atitude do andarilho do poema até o momento: uma busca *horizontal*, pelos amigos, pelas alegrias, pela fama. (DYAS, 2001, p. 106) Esta busca mostrar-se-á infrutífera, pois, como se verá logo à frente, o andarilho conclui que este mundo é fugaz.

A passagem mostra a sensação de desolação, de falta de perspectivas, de morte de um mundo inteiro, o mundo do “cavalo e do cavaleiro”, daquele que “dava presentes”, “dos deleites dos salões”. Que mundo é este? É o mundo anglo-saxão e a visão de mundo anglo-saxônica tradicional. Tudo mediado pela ação do Destino, que tudo comanda. E a conclusão que o andarilho tem acerca de como este mundo funciona é elucidativa:

*Nesta terra nada é fácil
E tudo obedece ao Destino.
Vão-se as riquezas, vão-se os amigos,
Vão-se os homens, vão-se as mulheres
Tudo neste mundo é fugaz.
Assim meditava, solitário, o homem sábio.*

Eis aí uma espécie de suma do aprendizado do andarilho em sua viagem em alto mar. Inicialmente a trajetória de um exilado, de alguém forçado a abandonar os laços familiares, tribais e culturais, sua viagem acaba por mostrar-se uma verdadeira peregrinação, onde toma conhecimento da finitude e fugacidade do mundo, sujeito à ação do Destino.

A percepção da fugacidade do mundo, segundo DeeDyas, é um elemento chave para o tema da peregrinação. (DYAS, 2001, p. 106) E qual a atitude correta para o homem, o cristão, que é, como disse Santo Agostinho peregrino nesta vida? É o que responde o final do poema:

*Justo é aquele que mantém a fé
E não anseia que seus lamentos
Deixem o peito sem deles saber cuidar.
E feliz do homem que busca o consolo
No amor do Pai Celestial,
Onde tudo que é permanente descansa em paz.*

Num mundo em que tudo decai, onde “vão-se as riquezas, vão-se os amigos, vão-se os homens, vão-se as mulheres”, em que tudo perece e só Deus é verdadeiro, a solução dos homens é passar a buscar para o que é permanente. É o que faz o andarilho neste poema. Como Abraão, ele converteu um exílio involuntário numa peregrinação em direção ao céu.(DYAS, 2001, p. 107)

Assim, temos aqui uma peregrinação que assim se descobre: inicialmente exílio involuntário, torna-se aos poucos uma caminhada com sentido próprio, onde o guerreiro, diante da condição de sofrimento e angústia, descobre que os valores que sustentavam seu mundo eram efêmeros.

CONCLUSÃO

Ainda que *“The Seafarer”* e *“The Wanderer”* tenham vários pontos em comum e sejam, como vimos, frequentemente estudados lado a lado pelas semelhanças que compartilham, interessa-nos nesse momento de conclusão enfatizar as diferenças e as especificidades que possuem. E são relevantes. Partimos do ponto central que une os dois poemas e as trajetórias do navegante e do andarilho: a passagem de uma jornada terrena para uma peregrinação de caráter espiritual e eterno.

Em *“The Wanderer”*, vemos inicialmente uma ida involuntária para o exílio, motivada pela quebra das relações sociais e pessoais que o andarilho conhecia, transformando o guerreiro num asceta cristão que aceita o caminho que Deus e o Destino lhe põem à frente. Esta aceitação mostra-se como principal motivo para o andarilho fazer-se peregrino. No entanto, ela é precedida de tentativas de substituição da ordem que se perdeu, as quais restam sempre frustradas. Ao final do poema, o andarilho abandona totalmente a sua comunidade anterior e os valores que a sustentam, deixando inclusive de se ver como um exilado. Esta visão aparece no momento em que o andarilho está ao mar, solitário, sem nada.

Já em *“The Seafarer”*, temos a aceitação das consequências de uma posição cristã de maneira voluntária, aceitando as dificuldades encontradas como necessárias para sua salvação. *“The Seafarer”* parte do ponto em que *“The Wanderer”* termina: o peregrino e a peregrinação e sua importância estão presentes na atitude de lançar-se ao mar.

Como diz Klinck,

The Seafarer's life is deliberately strenuous and ascetic: he rejects the illusory blandishments of this world because the joys of the Lord are warmer to him. Symbolically, his voyage is a pilgrimage which he chooses to undertake. Thus, the desire, described in the central portion of the poem, to depart over the sea, is more than a longing to leave this world and travel to

the next. Nor is the desired voyage primarily a journey into exile. It is a quest for a transcendental good, a quest which in this poem takes the form of seafaring (KLINCK, 2001).

Retomando a distinção elaborada por Phillip Edwards em sua obra dedicada ao tema da peregrinação, podemos perceber que *“The Wanderer”* se encaixa no primeiro tipo elaborado pelo autor, isto é, o daquele viajante solitário que encontra comunicação com poderes superiores, enquanto *“The Seafarer”* pertence ao segundo tipo, definido por ele como o do “peregrinus” propriamente dito, ou seja, aquele que já recebeu a iluminação e viaja para aprofundá-la.

Tais diferenças de abordagem do tema da peregrinação nas duas obras chamam a atenção para a riqueza de sua mensagem poética. Assim, mesmo estando inscritas dentro de uma tradição e de um contexto histórico-cultural particular, *“The Wanderer”* e *“The Seafarer”* trazem uma mensagem universal que atravessa os séculos e antecipam elementos desenvolvidos só muito posteriormente dentro da poesia ocidental.



REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraíso.html>>. Acesso em: 16 nov. 2013.
- ANÔNIMO. **The Wanderer**. Disponível em: <http://www.sacred-texts.com/neu/ascp/a03_06.htm>. Data de acesso: 11/10/2013
- ANÔNIMO. **O navegante/The seafarer**. Tradução e posfácio de Rodrigo Garcia Lopes. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.
- BÍBLIA. **Bíblia sagrada**. Português. Bíblia sagrada. Tradução: Centro Bíblico Católico. 34. ed rev. São Paulo: Ave Maria, 1982.
- BORGES, Jorge Luis. **Curso de literatura inglesa**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BRUNEL, Pierre; PICHOS, Claude e ROUSSEAU, André M. **Que é literatura comparada**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BURGESS, Anthony. **A literatura inglesa**. São Paulo: Ática, 2005.
- BYRON, George Gordon (Lord). **Childe Harold's pilgrimage**. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/files/5131/5131-h/5131-h.htm>>. Acesso em: 15 nov.2013
- CHAUCER, Geoffrey. **The Canterbury tales**. Disponível em: <<http://english.fsu.edu/canterbury/parsonpro.html>>. Acesso em: 15 nov. 2013.
- CIPRIANO, São. **The fathers of the Church: St. Cyprian Treatises**. Tradução de Roy J. Deferrari. New York: The Catholic University of America Press, 1958.
- CUSACK, Carole M. "The Return of the Goddess: Mythology, Witchcraft and Feminist Spirituality" In: PIZZA, Murphy; LEWIS, James R. (Eds.) **Handbook of contemporary paganism**. Koninklijke, Brill Academic Publisher, 2008.
- DYAS, Dee. **Pilgrimage in medieval English literature, 700-1500**. Cambridge: D.S. Brewer, 2001.
- EDWARDS, Phillip. **Pilgrimage and literary tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- KLEIN, Holger. Themes and thematology. **New comparison**, London, v. 6, p.1-17, 1988.
- LIUZZA, R.M. (Org.). **Old English literature: critical essays**. New Haven & London: Yale University Press, 2002

MACHADO, Álvaro Manuel; PAGEAUX, Daniel-Henri. **Da literatura comparada à teoria da literatura**. Lisboa: Presença, 2001.

NAPOMUCENO, Luís André. **A musa desnuda e o poeta tímido: o petrarquismo na arcádia brasileira**.

NAUPERT, Cristina. **La tematologia comparada: entre teoria y practica**. Madrid: Arco Libros, 2001.

ORTON, Peter. "The form and structure of *The Seafarer*". In: R.M. LIUZZA. (Ed.) **Old English Literature: critical essays**. New Haven & London: Yale University Press, 2002

TOLKIEN, J. R. R. **O senhor dos anéis**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

YEATS, William Butler. **The collected poems of William Butler Yeats**. London: Wordworth Editions, 2000.

ZUBIRI, Xavier. **Cinco lições de filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2012.

APÊNDICE

Que apresenta a tradução para o português do poema “*The Wanderer*”, de autoria anônima.

Texto original: < http://www.sacred-texts.com/neu/ascp/a03_06.htm>. Data de acesso:
11/10/2013

“O Andarilho”

Tradução de Celso Augusto Uequed Pitol

O andarilho, em sua solitária vida,
Procura e espera pela Graça de Deus;
E mesmo atormentado, a errar pelas sendas do mar,
Remos a bater contra as gélidas ondas,
Por muitos dias e muitas noites, como manda o Destino,
Ele trilha o caminho do exílio.

E, assim, entoa a sua história,
A lembrar as durezas da vida, as ferozes matanças e os seus que perdeu:

“Ao despertar da aurora

Solitário eu ando a lamentar minhas dores.

Não há viva alma com quem, sem medo,
Eu partilhe o que trago em meu coração.
Aprendi que é do homem honrado
Segurar o que pensa na câmara da alma,
Onde guardará o que quiser.
Ante o destino, nada pode o desalento,
E nenhum consolo traz o triste pensar.
Os que anseiam pela fama enterram
Suas dores no fundo do peito.
E também eu as enterrei, triste e desolado,
Sem lar nem amigos, desde o longínquo dia
Em que a escura terra cobriu o corpo de meu senhor.
E eu pus-me a navegar por mares gelados,
Saudoso de salões e tesouros,
Com coração apertado, em busca de um bom rei,
Não importa se longe ou perto,
Desde que as maravilhas de seu palácio
Me aliviassem as feridas da solidão.

Aquele que isto carrega sabe
Que amarga companheira é a dor, se lhe faltam amigos.
Então toma o caminho do exílio:
Nele, não há presentes de reluzente ouro,
Mas sim espírito trêmulo e coração angustiado:
Esvaem-se os encantos deste mundo.
Ele então sonha com os velhos camaradas,

Companheiros dos dias de juventude,
Quando lidavam com tesouros e celebravam com o rei.
Findas são estas alegrias.
Ao dormir, assalta-lhe a dor,
E, sonhando, ele volta a abraçar o seu senhor,
Põe mãos e cabeça a seus pés, de joelhos,
Como em dias passados.
Desperta então do sono. Está sozinho.
Mira adiante as espumosas ondas,
Com aves a banhar-se, de asas abertas,
E a neve a cair; o gelo tudo cobre.

Doem-lhe as feridas do coração
Quando se lembra do seu senhor,
E doem-lhe ainda mais
Quando se lembra dos parentes caídos.
Súbito, contente os vê;
Cumprimenta-os, entusiasmado,
E, sorrindo, passa os olhos por seus velhos camaradas.
Mas num relance eles somem,
Flutuando sobre as longínquas ondas, perdendo-se em alto mar,
Sem deixar-lhe palavra de conforto.
São miragem.
A tristeza nunca abandona
Quem amiúde lança às ondas
Um coração inquieto.

Em verdade, não entendo
Como as trevas não me enegrecem a alma
Quando medito sobre a vida nesta terra.
Tantos cavaleiros, orgulhosos homens de guerra,
Vi, um por um, quedarem em campos de batalha,
De onde nunca mais voltarão:
Nos salões onde pisaram e onde cantaram fama,
Nunca mais estarão.
E assim como eles, caídos pela terra,
O nosso mundo dia após dia decai,
Até quedar inteiro e para sempre.

Por isso, homem algum pode dizer-se sábio
Sem contar muitos invernos neste mundo.
O homem sábio é paciente,
Não cede à raiva, nem fala sem pensar,
Em batalha não é fraco e nem temerário,
Na cidade, não é medroso, servil ou ávido de ouro,
E não o vemos falar de si sem antes
Saber o que seu espírito deveras quer.

Bem compreende o sábio
Quão terrível será quando dias prósperos tiverem fim,
E vierem a carestia e a desgraça,

Como vê agora, em muitos cantos de nosso mundo.

Quedam as antigas muralhas,

Cobertas por gelo e batidas por ventos,

Ruínas de tempo ido.

Quedam os imensos salões,

Onde soberanos bebiam o doce vinho,

E quedam as orgulhosas hostes de homens de guerra,

Mortos em batalha, à beira das fortalezas:

Quedam, todos, e caídos cobrem a terra.

A alguns a guerra levou,

Carregou-os em sua última viagem;

A outro um pássaro carregou através do mar profundo,

A outro, o lobo cinzento partilhou com a morte,

E a outro um senhor enterrou, entristecido.

E então Ele tudo devastou,

Ele, o Criador dos homens,

Silenciando e esvaziando as muralhas,

Antigo trabalho de gigantes.

E do homem sábio, que as ruínas contempla,

E sobre esta escura vida medita,

A recordar-se de tanta guerra e matança

A cobrir a terra de castigos,

Saem estas pesadas palavras:

“Onde estão agora cavalo e cavaleiro?”

Onde está o rei e seus generosos presentes?

Onde estão os deleites dos salões?

Ó, taças brilhantes!

Ó, guerreiros em armadura!

Ó, esplendor do rei!

Dias que se foram, esquecidos na noite escura do passado,

Como se nunca houvessem existido!

Agora resta nas lembranças das fiéis tropas

Uma muralha, e das mais altas,

Talhada por figuras de serpentes.

A força das lanças, ávidas por batalhas,

Levou aos homens de guerra, obedecendo ao Destino,

E as tormentas, sopros do inclemente inverno,

Golpeiam penhascos, trazendo o gelo e a neve.

E então vem a noite.

Do norte chega dura tempestade de gelo

Cheia de fúria, castigando os homens.

Nesta terra nada é fácil

E tudo obedece ao Destino.

Vão-se as riquezas, vão-se os amigos,

Vão-se os homens, vão-se as mulheres

Tudo neste mundo é fugaz”

Assim meditava, solitário, o homem sábio.
Justo é aquele que mantém a fé
E não anseia que seus lamentos
Deixem o peito sem deles saber cuidar.
E feliz do homem que busca o consolo
No amor do Pai Celestial,
Onde tudo que é permanente descansa em paz.